

Página
05

Pioneirismo no HUPE

AmbDown é referência no atendimento a crianças com síndrome de Down

Página
08

Novas luzes revitalizando a UERJ

Projeto contemplado junto ao Grupo Light permitirá a modernização da iluminação no campus Maracanã e no HUPE, além de reduzir em até 60% o consumo energético



Inaugurada em janeiro de 2019, livraria é símbolo da divulgação acadêmica e científica da Universidade

Espaço já conta com cerca de três mil títulos publicados **Página 36**

Grupo de Foguetes busca lançar o interesse pela tecnologia aeroespacial

Equipe já participou de competições internacionais

► **Página 12**

Destruição das florestas faz temperatura subir no Brasil

Pesquisadores do IBRAG comprovam que o aumento pode ser de 1,45° até 2050

► **Página 30**



Editorial

Trinta anos após sua primeira edição, o jornal UERJ em Questão está de volta, depois de quatro anos fora de circulação. A crise administrativa e financeira que atingiu em cheio o Estado do Rio de Janeiro nos últimos anos provocou inúmeros e severos impactos na rotina da UERJ, inclusive na divulgação científica.

Lançado durante a gestão do Reitor Ivo Barbieri (1988-1992), o periódico foi planejado como um informativo para discutir questões referentes ao dia a dia da Universidade. Ao longo do tempo, mudou de formato, de tamanho, ganhou cores e variou em periodicidade. A partir de 2010, reassumiu o formato tablóide, com 16 páginas, e com circulação trimestral. Sua última edição, (a de número 105), foi distribuída no final de 2014.

Com retorno oficial anunciado pela Diretoria de Comunicação Social (Comuns), o UERJ em Questão ressurgiu com layout mais moderno e conteúdo mais extenso e aprofundado.

O UERJ em Questão representa mais um veículo de divulgação de pesquisas desenvolvidas nas diversas unidades acadêmicas e nos diferentes *campi* da Universidade. É uma valiosa maneira de prestar contas à comunidade externa e ainda aos estudantes, docentes e técnicos sobre a aplicação dos recursos públicos (financeiros e humanos) que geraram maior produção científica nos centros de pesquisa e laboratórios da Universidade.

Mesmo com as dificuldades recentes impostas às UERJ, a Comuns conseguiu dar prosseguimento às suas ações.

Entendemos que o desafio do jornalismo científico é traduzir o erudito, o rebuscado e os termos técnicos para uma linguagem atraente, simples e que desperte o interesse de um público amplo. Sua função também é registrar a rotina dos vários personagens que constroem cotidianamente a memória e a história da própria Instituição.

Nesta edição, divulgamos um pouco de tudo o que passou a ser notícia a partir de 2016. Boa leitura!

Nesta edição

05

AmbDown é referência no atendimento a crianças com síndrome de Down e suas famílias

08

Novas luzes revitalizando a UERJ

12

Grupo de Foguetes lança o interesse pela tecnologia aeroespacial para além da Universidade

16

Referência em pesquisas de gênero, núcleo comprova avanços na divisão de tarefas entre mulheres e homens

20

Ano das mulheres na UERJ

23

Gastroenterologia do HUPE agiliza procedimentos com novo equipamento

25

A história de São Gonçalo no radar da Universidade

28

Um ano depois de reforma, CTE comemora bons resultados

30

Destruição das florestas faz temperatura subir no Brasil

32

Projeto de educação ambiental fabrica pranchas com uso de garrafas pet

36

Inaugurada em janeiro de 2019, livraria é símbolo da divulgação acadêmica e científica da Universidade

AmbDown é referência no atendimento a crianças com síndrome de Down e suas famílias

Projeto iniciado em 2015 beneficia cerca de 90 famílias. No Brasil, estima-se que aproximadamente 300 mil pessoas tenham a síndrome



Uma equipe multidisciplinar do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE/UERJ) transformou o sonho de uma pediatra num projeto pioneiro que beneficia 90 famílias e é referência no Brasil em síndrome de Down. A médica Anna Paula Baumblatt iniciou as atividades do AmbDown em 2015, com uma equipe que realiza, de forma pioneira, atendimentos a crianças de até três anos.

Estima-se que cerca de 300 mil brasileiros tenham a síndrome, enquanto no mundo inteiro o número está entre cinco e seis milhões de pessoas. Médica do ambulatório de Pediatria, Baumblatt já desejava um atendimento específico para crianças com a síndrome e suas famílias. Mas a vontade cresceu com o nascimento de seu filho Fernando, que chegou trazendo uma surpresa: ele também tinha Down. “Com o tempo, eu entendi que não era uma tragédia. O AmbDown começou com um sonho, algum apoio e somente três pacientes. Cresceu, tomou forma e proporção”, explica a coordenadora dos atendimentos.

Ela conversou com a chefe da Genética Médica Pediátrica do HUPE, a professora Raquel Boy, e, em equipe, iniciaram o projeto. “Já era uma necessidade. Fizemos um esforço conjunto entre os profissionais do ambulatório de pediatria e crescemos em meio à crise. Contamos com o envolvimento de muitos profissionais, de alunos e professores. Com isso, estamos cumprindo o papel de um hospital universitário, provendo assistência que inclui várias clínicas”, revela Raquel Boy.

O AmbDown realiza atendimentos em genética médica, pediatria, cardiologia pediátrica, nutrição, fisioterapia, fonoaudiologia, endocrinologia e neurologia pediátrica e, mais recentemente, odontologia. Também presta apoio psicológico e de serviço social às famílias. Os interessados podem entrar em contato pelo e-mail ambdown.hupe@gmail.com, informando nome completo e idade da criança, além de nome do responsável e telefone para contato.

AmbDown atende a 90 famílias e é referência em cuidados de bebês com a síndrome

UERJ em **QUESTÃO**

Comuns | Diretoria de Comunicação Social

Edição: Andréia Rêgo

Redação: Andréia Rêgo, Flávia Astorga, Flávia Ribeiro e Marcella Vieira

Estagiários: Dayane Campos, Felipe Petrucci, Giovanna Grillo, Joanna Dark, José Atalide e Ramon Trindade

Revisão: Andréia Rêgo, Flávia Astorga, Flávia Ribeiro, Júlia Apolinário, Michelle Saab, Thiago Thos

Direção de arte, design e diagramação: Paula Caetano

Contato para divulgação de cursos e eventos: uerj.comunica@gmail.com



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Reitor: Ruy Garcia Marques

Vice-reitora: Maria Georgina Muniz Washington

Sub-reitora de Graduação: Tânia Maria de Castro Carvalho Netto

Sub-reitor de Pós-graduação e Pesquisa: Egberto Gaspar de Moura

Sub-reitora de Extensão e Cultura: Elaine Ferreira Torres



Equipe multidisciplinar do ambulatório AmbDown do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE)

Mãe do pequeno Davi, de 1 ano e 9 meses, Aline Guimarães, 35 anos, revela que a inclusão do filho no programa mudou suas vidas. “Meu filho é outra criança depois que chegou aqui, aos cinco meses. Eu tenho gratidão por este trabalho e por todos que trabalham aqui. Eles mudaram a minha vida e a da minha família. Nunca mais Davi ficou hospitalizado”, enaltece Aline.

Como os atendimentos são feitos nos primeiros mil dias de vida dos bebês – considerados os mais importantes e determinantes na vida de qualquer criança –, eles costumam receber alta, em geral, quando completam três anos, abrindo novas vagas. “Eles vão chegando e vão saindo, dando vaga para outros bebês que precisam”, explica Anna Paula. Além de ser referência no Brasil, o AmbDown demonstra em números os cuidados com os pacientes que têm a síndrome.

Números do AmbDown

Entre fevereiro de 2016 e junho de 2018, 71 pacientes foram acompanhados, com aproximadamente 216 consultas médicas, sempre realizadas com a presença de um residente de psicologia.

Os números do ambulatório mostram ainda que, entre seus pacientes, a cardiopatia é a doença mais frequente (53,3% dos casos) e mais temida por médicos e familiares. Em 20,5% dos casos, os pacientes precisaram usar medicamentos e 23,5% do total passaram por correção cirúrgica. Entre as meninas, a cardiopatia congênita é maior, chegando a 62,5%.

O estudo dos dados revela que a cardiopatia não constituiu, isoladamente, um fator impeditivo para o início das terapias de estimulação essencial precoce. Dos 42 pacientes avaliados pela fisioterapia, todos apresentaram atraso no desenvolvimento neuromotor em graus variáveis: 45% leve, 33% moderado e 22% grave.

Na fonoaudiologia, 53,5% dos pacientes foram avaliados. Destes, 52% não apresentaram dificuldades de deglutição e foram gerenciados conforme a evolução da transição alimentar; 47,3% apresentaram disfasia, que é a dificuldade de deglutição. Ao todo, 15% necessitaram de acompanhamento devido à aversão alimentar e/ou outras dificuldades relacionadas à alimentação e à musculatura orofacial. Todos os pacientes em idade pré-escolar avaliados apresentaram atraso de linguagem, sendo que 10,5% estiveram em acompanhamento.



A NOTÍCIA DA SÍNDROME PARA AS FAMÍLIAS

O AmbDown tem um levantamento específico sobre 60 famílias atendidas em relação ao momento em que receberam a notícia de que a filha ou o filho tinha a síndrome. Nestas, 68,3% tinham ultrassonografia morfológica normal e 60% tinham translucência nucal normal, que são os exames que podem indicar a possibilidade da síndrome ainda durante a gestação.

Para 70% destas famílias, a comunicação do diagnóstico ocorreu após o nascimento, ainda nas respectivas maternidades em que as mães se encontravam. Em 90% dos casos, o médico assistente foi o responsável pela notícia; em 8,3%, a informação foi dada por um familiar. Em 1,66%, o responsável pela notícia foi um psicólogo e o mesmo percentual recebeu a notícia por meio do laboratório, a partir de exame genético.

Atendimento personalizado contribui para o sucesso do ambulatório



Novas luzes revitalizando a UERJ

Projeto contemplado junto ao Grupo Light permitirá a modernização da iluminação no campus Maracanã e no HUPE, além de reduzir em até 60% o consumo energético

Novas luzes para os novos desafios da UERJ. No último ano, o bloco principal do campus Maracanã e o Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) um grande reforço com o objetivo de tornar mais eficientes os seus sistemas de iluminação, que correspondem a 19% do consumo energético nas instalações. Além de proporcionar um consumo mais racional, a reforma vai gerar reflexos positivos em áreas como a segurança e até nas pesquisas de professores que trabalham noite e dia na UERJ.

O projeto foi realizado por meio do Programa de Eficiência Energética (PEE) da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL). A iniciativa atribui às concessionárias e permissionárias de distribuição o dever de investir anualmente parte de sua receita em ações de combate ao desperdício de energia elétrica. Essas empresas selecionam os projetos que serão financiados, por meio de chamadas públicas, e a UERJ foi contemplada na chamada promovida pelo Grupo Light.

Graças a algumas ações, como substituição de materiais obsoletos e à aquisição de um software mais moderno para o controle da energia, será possível economizar em até 61% o consumo de iluminação nas estruturas do campus Maracanã e do HUPE. De acordo com termos descritos no plano, o gasto anual passará dos atuais 3,894 Megawatt-hora (MWh) para 1566 MWh após a conclusão da reforma. O número compreende ao consumo do campus Maracanã e do hospital somados.

Os locais terão a substituição do sistema de iluminação em todos os seus setores, incluindo áreas de pesquisa, aulas, atendimento e circulação. Serão trocadas cerca de 20 mil lâmpadas obsoletas por aparelhos com tecnologia LED. Além de mais modernas e confiáveis, elas

poderão ser controladas de forma mais inteligente pelos operadores de iluminação.

No passado, por exemplo, para um laboratório ser iluminado durante a madrugada, era necessário acender todas as luzes de determinado pavimento da Universidade, resultando em um grande desperdício de energia elétrica. Hoje, cada setor pode ser iluminado de forma independente para trabalhos específicos, após o apagar das luzes na UERJ. Esse recurso já está disponível e é possível por meio da utilização de um novo *software*, desenvolvido por engenheiros da UERJ, em parceria com uma empresa especializada.

Segundo o engenheiro José Antonio da Cruz dos Santos, da Prefeitura dos Campi, somente este novo sistema é responsável por 10% da economia estimada pelo projeto. Além disso, proporciona condições mais cômodas para os pesquisadores que precisam trabalhar em horários

alternativos. “Os primeiros meses de funcionamento foram um sucesso. O recurso está sendo muito utilizado por professores que agora podem ter apenas os seus departamentos acesos”, disse.

Estudante de Relações Públicas da UERJ desde 2013, José Luiz dos Santos, de 24 anos, conta que sempre achou necessária uma iluminação mais moderna e eficiente no campus. “Percebo falta de iluminação em partes internas e externas, como o bosque. Isso gera uma sensação de insegurança nos alunos. Há gente que evita transitar, quando está muito tarde. Essa reforma é urgente e muito bem-vinda para que todos se sintam mais seguros”, afirmou o estudante.

Além da reforma na iluminação, a UERJ já foi contemplada numa nova Chamada Pública de Projetos da Light. Serão trocadas lâmpadas de outros blocos. Também há uma proposta para tornar mais eficiente o sistema de refrigeração do campus Maracanã e do HUPE.

Serão trocadas cerca de 20 mil lâmpadas obsoletas por outras com tecnologia LED



Somente um *software*, segundo o engenheiro da Uerj José Antonio da Cruz dos Santos, é responsável por 10% da economia estimada pelo projeto

Novidades da Prefeitura

Investimento na atualização tecnológica vai melhorar a eficiência do sistema de elevadores da Universidade

A infraestrutura da UERJ segue recebendo investimentos. Após promover melhorias na modernização do sistema de suprimento interrupto de energia condicionada (no break) e na rede de captação e bombeamento de água, no âmbito do Campus Francisco Negrão de Lima, a Prefeitura dos *Campi* vem promovendo a modernização dos elevadores do campus Maracanã. Em curso desde o dia 08 de fevereiro, o processo já estava há algum tempo previsto no planejamento orçamentário mas, devido à crise financeira, somente agora pode ser implantado.

A modernização dos elevadores foi priorizada como meta da atual gestão, considerando os constantes defeitos causados pelo desgaste de seus componentes e pelo transtorno diário no tráfego de passageiros das unidades acadêmicas e administrativas do Pavilhão João Lyra Filho e Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha.

O processo compreende a substituição dos seguintes componentes: casa de máquinas com troca do quadro de comando de eletromecânico para eletrônico; troca dos motores de correntes contínuas para corrente alternada e outros pormenores; caixa de corrida, com troca do conjunto da cabine e materiais de segurança; botoeiras de chamadas e de sinalização e troca de pavimentos e portas.

Essenciais na circulação de conhecimento na Universidade, as máquinas são responsáveis por grande parte do tráfego de alunos, docentes, servidores e comunidade externa. Agora com melhorias, a locomoção será realizada de maneira mais eficiente. Com botões de chamada novos e funcionais, os elevadores poderão ser solicitados pelos usuários em todos os andares dos dois pavilhões. Outro ponto importante é a modernização do quadro de comando. O novo sistema eletrônico, se comparado ao mecânico, reduz custos de manutenção, visto que a utilização de componentes eletrônicos reduz o desgaste dos elementos mecânicos do elevador.

Para a aluna Brenda Ferreira, de Relações Públicas, a modernização é um processo necessário. “Com



a melhora no funcionamento dos elevadores, os estudantes podem transitar entre os andares de forma mais rápida e segura”, explica. Durante a reforma, a interdição de alguns elevadores pode causar transtornos como o aumento das filas e congestionamento do hall dos elevadores, pequenos contratempos que logo serão compensados com o pleno funcionamento das máquinas.

O projeto de reforma, aprovado em 08/02/2019, está ocorrendo efetivamente desde 18/03/2019, por etapas, e tem duração prevista de 12 meses. Atualmente, o Pavilhão Reitor João Lyra Filho recebe as modernizações em parte dos seus elevadores. O valor do investimento é de R\$ 3,3 milhões, num contrato licitado que tem a vigência de 18 meses, e está sob a fiscalização da Coordenadoria Executiva de Infraestrutura (CEIE), órgão da Prefeitura dos *Campi*.

Segundo a ascensorista Elidia de Souza e Silva, 78 anos, que trabalha há quase dez anos nos elevadores da UERJ, a obra vai aperfeiçoar o serviço.

“Com todos os elevadores funcionando, será possível atender um maior número de pessoas e evitar a formação de grandes filas. Se não tiver fila, toda a comunidade fica feliz. Eu fico nervosa com fila. Quero logo atender a todos. Essa obra vai ficar uma maravilha”, comemora.

Fabricados na década de 70, os 15 elevadores presentes no campus estão divididos entre o Pavilhão Reitor João Lyra Filho, que conta com dez cabines destinadas ao fluxo de passageiros e duas de carga; e Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha, que possui duas de passageiros e uma de carga.

D. Elidia: irreverência e simpatia em um dos elevadores do campus Maracanã

O novo sistema eletrônico reduz custos de manutenção.

Equipe do GFRJ durante a Spaceport America Cup, nos Estados Unidos, considerada a maior competição de foguetes do mundo



Grupo de Foguetes lança o interesse pela tecnologia aeroespacial para além da Universidade

Equipe de alunos, que já chegou a competir internacionalmente, quer investir em polo aeroespacial

Tecnologia aeroespacial não costuma ser um tópico muito abordado em conversas e sua função para aqueles fora do ambiente das Ciências Exatas é pouco conhecida. No entanto, tal tecnologia está presente na rotina da sociedade, constantemente, e é essencial para a maneira como se vive nos dias de hoje. Esse tipo de ciência pode ser muito caro e, para manter-se, é necessário investimento e reconhecimento. É esse o objetivo principal do Grupo de Foguetes do Rio de Janeiro (GFRJ), fundado na UERJ, que estuda, principalmente, o foguetismo e uma maneira de promover um maior interesse no setor aeroespacial no país.

A tecnologia espacial envolve diversos setores importantes para o dia a dia de todos, como segurança, monitoramento, comunicação, transporte, entre outros. Para isso, é necessário o uso de satélites e um veículo lançador de satélites, o foguete. Foi daí que surgiu o interesse de um grupo de alunos da UERJ.

Fundado em 2016, o GFRJ é um grupo de extensão do Instituto de Física criado por universitários, com o apoio do professor João Batista Garcia Canalle, que também coordena a Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA), com



sede na UERJ. Atualmente, a equipe conta com 35 alunos de diversos cursos, sendo a maioria de Engenharia, Matemática e Física. O grupo foi a primeira equipe de foguetes do Rio de Janeiro e, após sua criação, outros surgiram com o mesmo objetivo em outras universidades do estado.

Com menos de três anos, o GFRJ já carrega muitas conquistas, como o recorde nacional de voo de um minifoguete e o primeiro lugar na categoria de 1.000 m do V Festival Brasileiro de Minifoguetes. Neste último, o responsável pela premiação foi o foguete batizado de “Canalle Platinado III”, em homenagem ao sobrenome do professor que coordena o projeto e acreditou no grupo desde seu início. Após quebrar mais um recorde nacional em sua categoria, em 2018, o grupo conquistou, ainda, o terceiro lugar na categoria 3000 m em sua primeira competição internacional, a *Spaceport America Cup*.

A partir desse grande crescimento no ano passado, a visibilidade do grupo também aumentou e a equipe passou a dar entrevistas e a ser convidada para diversos telejornais e programas de TV. Eles apareceram em veículos e atrações como “Globo News”, “Bom Dia Rio”, “Encontro com Fátima Bernardes”, entre outros. Tanto reconhecimento ajudou o projeto a dar um passo à frente em seus

Grupo da UERJ durante experimento



objetivos, já que, além de uma maior motivação pessoal e arrecadação em suas vaquinhas *online*, o trabalho deles pode ser divulgado de forma mais intensa até para a própria comunidade interna.

“Muitas pessoas da própria UERJ começaram a conhecer a gente por causa disso, porque muita gente não sabia que existia a equipe de foguetes aqui”, afirma Paula Reis, 22 anos, atual presidente do GFRJ e uma das fundadoras do grupo. “Na Engenharia, o pessoal já não sabe direito, imagina nos outros andares”, questiona.

Parcerias com escolas

Além de participar de competições e buscar um maior reconhecimento para seu trabalho, o GFRJ também pretende focar em projetos educacionais e levar a tecnologia aeroespacial para as escolas do Rio. Para alcançar o objetivo, a equipe instituiu até mesmo uma missão especial, intitulada Missão Beta Crux, cujo nome foi inspirado na estrela que representa o estado do Rio de Janeiro na bandeira do Brasil.

“A gente tem como objetivo levar essa tecnologia, conhecimento e interesse para as escolas”, relata Paula. O grupo possui ainda um vínculo com o Centro Educacional Batista, no município de Casimiro de Abreu (RJ), onde realiza atividades com crianças dos ensinos fundamental e médio. “A gente fez umas oficinas de foguetes de papel com eles, que gostaram bastante. E, hoje em dia, eles têm até um próprio foguete de 500 m”, afirma ela, com orgulho.

Em parceria com o Centro Educacional Batista, outra tecnologia que a equipe desenvolve é o CubeSats, com minissatélites em formato de cubo, mais baratos e acessíveis do que os normais. Seu menor tamanho possibilita que o foguete transporte mais de um satélite de uma só vez. Além disso, no mesmo projeto, a equipe busca embarcar um microscópio e amostras de microrganismos

coletadas pelo colégio nos foguetes do grupo, a fim de analisar as variações de temperatura e pressão, entre outras que o projétil pode sofrer.

“Tudo é difícil porque a gente não tem muito dinheiro”, Paula relata. “E a questão do dinheiro é muito importante para a gente conseguir fazer esses projetos. Um foguete custa, em média, 50 mil reais, e conseguir esse valor não é fácil. Então, nós dependemos muito de apoios que podem dar para a gente”, revela a estudante, que é graduanda em Engenharia Elétrica, com ênfase em Sistemas Eletrônicos.

Apoio financeiro e muitos sonhos

Apesar das dificuldades em arcar com os altos custos de equipamento e viagens para competições, a equipe possui uma visão muito positiva e esperançosa quanto a planejamentos e futuros projetos. “A gente tem planos de fazer foguetes de 10 km, 50 km e até 100 km um dia. Talvez eu nem esteja mais na UERJ, mas é um plano a longo prazo”, enfatiza, dando uma prévia sobre os maiores sonhos do grupo. “Nós temos essa vontade de tornar o Rio de Janeiro, quem sabe, em um polo aeroespacial daqui a uns dez anos para frente”, conclui.

Para além dos foguetes, o grupo investe em uma estrutura de gestão que agiliza seu funcionamento e a integração de sua equipe. Ele conta, por exemplo, com três subsistemas de gestão, nas áreas de Marketing e Eventos, Logística e Financeiro e Recursos Humanos.

O GFRJ desenvolve, atualmente, três projetos de novos foguetes: Glamurosa II, Canalle Platinado IV e ATOM II, sendo o último o mais complexo, com apogeu de 3.048m (10.000 pés). Todos os projetos da equipe são desenvolvidos e construídos em laboratórios da UERJ, no campus da Rua Fonseca Teles, no bairro de São Cristóvão. O site do grupo – com informações, fotos e projetos – é <http://www.gfrj.uerj.br>.



Mesmo com estrutura menor e equipe reduzida em relação aos concorrentes, o GFRJ teve o melhor desempenho entre equipes brasileiras que já participaram do evento



Referência em pesquisas de gênero, núcleo comprova avanços na divisão de tarefas entre mulheres e homens

Professora Clara Araújo
em palestra sobre
“Gênero em Ação”

Formado por pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, NUDERG investiga, desigualdades e relações de gênero

A onda conservadora que ganhou força no Brasil nos últimos anos, com reflexos nos costumes e nas relações sociais e políticas, não conseguiu impedir uma mudança – ainda que pequena – na percepção das pessoas sobre o papel das mulheres no âmbito familiar. É o que apontam algumas das pesquisas conduzidas há mais de uma década pelo Núcleo de Estudos sobre Desigualdades Contemporâneas e Relações de Gênero (NUDERG), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da UERJ.

Coordenadora acadêmica do núcleo e uma de suas fundadoras, a professora Clara Maria de Oliveira Araújo pontuou que as pesquisas investigam como as pessoas – mulheres e homens – compatibilizam o trabalho remunerado e a vida familiar, além de suas percepções sobre quais devem ser as respectivas responsabilidades nas atividades. “Nosso interesse é

exatamente medir essa chamada desigualdade de gênero”, revela.

Criado em 2006, a partir do forte envolvimento e reflexões de pesquisadores do PPCIS com as temáticas que seriam a base do núcleo, o NUDERG atua, segundo a professora, em três eixos principais: gênero e família, gênero e política e gênero e violência. Antes mesmo da fundação formal do grupo, porém, alguns pesquisadores do programa conduziram, em 2003, uma pesquisa em âmbito nacional com os mesmos questionamentos sobre a divisão de afazeres domésticos. No período 2014- 2016, uma nova investigação, com perguntas muito similares, foi realizada. Antes, como um piloto, somente no estado do Rio de Janeiro; depois, em todo o país.

Regionalmente, a pesquisa envolveu 1.100 pessoas; nacionalmente, foram 1.600 entrevistados. Por fim, os dados do Brasil vêm sendo comparados com os mesmos tipos de levantamento

feitos em outros países como Japão, Estados Unidos, Espanha, Suécia e Chile. Os resultados serão detalhados e discutidos em dois lançamentos previstos para 2019: os livros “Gênero, Família e Trabalho no Brasil do século XXI: mudanças e permanências” (Gramma Editora) e um segundo volume com o comparativo entre os dados do Brasil e os de outros países.

O primeiro lançamento tem Clara Araújo como organizadora, em conjunto com outros três pesquisadores: Andréa Gama, professora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da UERJ; Felícia Picanço, professora de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e Ignácio Cano, professor do PPCIS. Assim como no livro, as parcerias são exaltadas por Clara como um destaque nas atividades do núcleo desde sua criação. Picanço, por exemplo, foi uma das fundadoras do NUDERG, que tem, atualmente, como coordenadora geral a professora Maira Covre Sussai Soares, também do Departamento de Sociologia da UERJ, mas graduada em Psicologia pela Universidade do Estado do Espírito Santo (Ufes). É esse diálogo com diferentes campos e pesquisadores de disciplinas diversas que permite ao núcleo a pluralidade e as trocas necessárias para o aprofundamento dos estudos sobre a temática de gênero. Atualmente, seis professores compõem o núcleo, trabalhando com temáticas variadas como educação, violência e sexualidade. “Com isso, nosso núcleo tem conseguido manter essa tradição forte da UERJ, que é a extensão em pesquisas”, enaltece Clara.

Nessa direção, a professora destaca que o NUDERG, assim como o Laboratório de Análise da Violência (LAV) também ligado ao PPCIS e coordenado por Cano – aderiram, com início em 2018, ao Programa Institucional de Internacionalização (Capes-PrInt), ampliando a esses grupos as possibilidades de intercâmbios, bolsas, auxílios e recursos para pesquisas. Clara lembra, porém, que, antes dos livros previstos para este ano, outras parcerias e formas de apoio possibilitaram lançamentos anteriores. Foi o caso de “Entre a casa e o trabalho: gênero e família no Rio de Janeiro” (ABE Graph Gráfica e Editora, 2017), resultado de um financiamento – via edital – por parte da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e do apoio da



Um dos livros de Clara,
com lançamento previsto
para esse ano

então Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), vinculada à Presidência da República.

Mulheres na política

Além disso, a coordenadora acadêmica e demais pesquisadores do núcleo participam, periodicamente, de outras obras, coletâneas, seminários e congressos com temáticas afins. Clara, por exemplo, participou da coletânea “Mulheres nas eleições 2010”, projeto também apoiado pela SPM, com capítulos relacionados ao monitoramento e à análise das campanhas e candidaturas femininas naquele pleito. A participação de mulheres em cargos nas câmaras, assembleias legislativas e poder executivo, entre outras esferas, constitui o principal campo de pesquisa da professora, mantendo fortes imbricações com os estudos e levantamentos do NUDERG.

Clara destaca ainda que o núcleo passou a integrar, desde outubro de 2018, um observatório internacional para a participação política das

mulheres como parte da iniciativa global “Por um planeta 50-50 em 2030: um passo decisivo pela igualdade de gênero”, capitaneada pela ONU Mulheres. Em conjunto com outros grupos de instituições que também participam do observatório, como Universidade de Brasília (UnB), Fundação Getulio Vargas (FGV) e Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o NUDERG já vem levantando, desde as últimas eleições, questões fundamentais para o maior entendimento sobre a atual movimentação de representantes femininas no cenário político nacional, especialmente num cenário em que questões de gênero vêm sendo sistematicamente atacadas.

A professora afirma, porém, que, apesar do momento de conservadorismo mais explícito, existe uma inegável percepção de melhoria nas questões de igualdade. “Existe uma parcela conservadora que não se manifestava muito, o que nos dá a impressão de que a sociedade como um todo está sendo muito mais conservadora”, opina. Ainda na seara da representação feminina em cargos políticos, levantamentos como o papel do dinheiro nas eleições e em que medidas as mulheres podem obter recursos e financiamentos com chances de se eleger são alguns dos questionamentos norteadores desses estudos.

Mulheres ainda em desvantagem

É fato que, segundo as pesquisas, na comparação entre os dados de amostras nacionais realizada em um espaço de pouco mais de uma década, os resultados apontam crescente de igualdade de gênero no Brasil. Mas, na prática, o cenário ainda é desfavorável para as mulheres, que concentram grande parte das atividades do lar. Em questões como o tempo que mulheres e homens dedicam aos afazeres domésticos, a percepção dos papéis de gênero, a divisão de tarefas e cuidados com os filhos e as articulações entre família e trabalho, é possível perceber

que há uma maior igualdade na distribuição das atividades.

O estudo aponta que, em meio às mudanças na sociedade brasileira em direção a valores mais igualitários e nas condições de vida da população, houve, sim, um avanço em 2016 na divisão de tarefas entre um casal formado por mulher e homem na comparação com 2003. Na pesquisa do início dos anos 2000, 34% dos entrevistados declararam não dedicar nenhuma hora para os afazeres domésticos durante a semana. Passados 13 anos, o percentual dos homens que não se ocupavam de tarefas caiu para 10%. Foi constatado que, em média, homens dedicavam 11,4 horas por semana aos afazeres domésticos, em 2003, enquanto, em 2016, passaram a dedicar 12,7 horas. Entre as mulheres, eram 35,6 horas semanais naquele ano contra 29,3 horas mais recentemente.

Números que apontam uma redução das desigualdades, mas ainda em ritmo lento, sobretudo na comparação com países que também realizaram pesquisas semelhantes. De acordo com Clara Araújo, os países escolhidos para a checagem apresentam diferenças significativas, o que diz muito sobre a relação de temáticas de gênero com questões como tradicionalismo, familismo (os aspectos da organização familiar), machismo, riqueza, entre outros. No Japão, por exemplo, o enorme desenvolvimento econômico e tecnológico não se traduz, segundo a professora, na diminuição das desigualdades. Ao contrário, a forte tradição hierárquica ainda impera no país asiático. A riqueza de um país como os Estados Unidos também não é suficiente para que os avanços na equidade de gênero sejam tão significativos, uma vez que a economia excessivamente liberal dos norte-americanos acaba impedindo o acesso de mulheres a direitos que, em outras localidades, são bem mais consolidados. Exemplo disso são as escassas semanas e remunerações de licença-maternidade concedidas às mulheres nos EUA.

Por outro lado, a pesquisadora cita a Suécia como um dos exemplos da social-democracia da Europa; que adota medidas mais avançadas para a igualdade de gênero. “Estamos muito atrasados, não apenas em termos de concepções políticas, mas também nessa questão das

licenças. Se verificarmos vários países europeus, inclusive alguns dos quais a gente fez as comparações, hoje não há mais só a licença-maternidade, mas sim a licença-parental, que é aquela a ser tomada pelos homens e pelas mulheres. Nós (o Brasil) ainda temos um atraso muito grande em relação a isso”, defende Clara.

Tendência pró-igualdade

Para ela, um dos grandes problemas são as poucas políticas públicas que existem no Brasil para incentivar a equidade de gênero. “A verdade é que, comparativamente a outros países, há um conjunto de coisas nas quais o Brasil avançou muito pouco. Nas perguntas sobre quem fica com as crianças ou quem deve cuidar dos idosos, percebemos que ainda existe muito daquilo que chamamos de familismo. E essa visão de que ainda é uma responsabilidade fundamentalmente familiar e feminina. Para essas comparações, uma coisa que fizemos foi mapear essa questão das políticas públicas”, explica.

Ainda assim, os estudos apontam para um cenário que, se não deve ser de otimismo desenfreado, pode indicar, segundo a pesquisadora, um processo mais igualitário. “O que os dados nos indicam, e o IBGE também já vinha apontando isso, é que as pessoas estão ficando com uma concepção um pouco mais igualitária, reconhecendo mais essa questão de que os papéis não são mais tão fixos assim. Há, em geral, uma posição mais favorável à questão da participação da mulher no trabalho fora (remunerado)”, sinaliza.

Os dados, as pesquisas, as comparações, os levantamentos e os números são possíveis exatamente pelo

enorme trabalho que envolve um núcleo de estudos dessa natureza. O NUDERG é um dos tantos exemplos – dentro e fora da UERJ – de sucesso das contribuições acadêmicas para assuntos que estão nas pautas mais urgentes das sociedades contemporâneas. Para isso, além de professores, o grupo já contou e conta com uma série de colaboradores, bolsistas, pós-graduandos e orientandos de mestrado e doutorado, pesquisadores convidados e parceiros que permitem o intercâmbio de pesquisas e experiências. A Jornada de Estudos de Gênero, a cada dois anos (o última foi em 2017), é um dos eventos promovidos pelo núcleo que melhor resume e acolhe essas contribuições, propiciando o diálogo entre estudantes da Universidade e de outras instituições. Em 2014 e 2017, o NUDERG promoveu também seminários internacionais, incluindo o evento “Gênero, Trabalho e Família no Brasil: Mudanças e Permanências nas Últimas Décadas”, em que os diversos resultados das pesquisas foram apresentados.

Em meio a tantas ações, o núcleo comemora mais uma década de existência com dados e informações que indicam e justificam uma maior esperança rumo a uma sociedade mais igualitária e mais consciente dos direitos femininos. “Percebemos que as próprias mulheres têm hoje uma percepção crítica maior do que a gente chama de injustiça de gênero; e os dados apontam que diminuiu essa distância entre o número de horas que mulheres e homens trabalham nas atividades domésticas. Isso significa que temos aí uma tendência, uma coisa ainda pequena, mas um processo pró-igualdade no Brasil”, conclui a pesquisadora.



Ano das mulheres na UERJ

Militante ativa dos direitos das mulheres, Carmen Portinho, ex-diretora da Esdi, foi a primeira urbanista do Brasil e é a homenageada do Ano Institucional em 2019

No mês em que são celebradas as conquistas, avanços e causas das mulheres, a UERJ provou que, na verdade, o ano é todo delas. Isso porque, em 12 de março, a Universidade lançou o Ano Institucional Carmen Portinho. Além da emoção, o evento foi marcado pelo descerramento dos painéis em homenagem à Carmen Portinho que, ao longo do ano, enfeitarão a entrada do Pavilhão Reitor João Lyra Filho. A cerimônia no campus Maracanã incluiu homenagens e celebrou a história da engenheira e urbanista, que teve forte relação com a instituição. Nascida no município de Corumbá (MS), em 1903, Portinho faleceu, aos 98 anos, em 2001. As homenagens marcaram também o centenário da criação da Liga para Emancipação Intelectual da Mulher no Brasil, importante grupo do século XX ligado aos direitos das mulheres e ao sufrágio feminino do qual Carmen foi cofundadora.

Todo ano, a Universidade escolhe uma personalidade marcante para homenagear. Na cerimônia de celebração à memória da professora Carmen Portinho, foram destaques as lembranças de quando ela esteve à frente da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi), por mais de duas décadas. Convidada a assumir a instituição pelo então governador do estado da Guanabara, Francisco Negrão de Lima, Carmen encabeçou uma experiência pioneira para a época, visto que havia poucas escolas de desenho industrial no mundo, menos ainda na América Latina.

Ela foi a terceira engenheira civil no país e a primeira a obter o título de urbanista. Vanguardista, militou incansavelmente na defesa do reconhecimento profissional das mulheres e, em sua área de atuação, foi pioneira na introdução de vários conceitos arquitetônicos no Brasil, entre eles o de habitação popular, que trouxe da Europa.



Engenheira foi a primeira urbanista do país e teve vida marcada por grandes projetos e luta pelos direitos das mulheres



Descerramento dos painéis no lançamento do Ano Institucional Carmen Portinho

“A emancipação econômica da mulher é a base de sua emancipação social e política”, dizia Portinho. Foi pensando dessa forma que a personalidade reuniu diversas conquistas e títulos. A vice-reitora Maria Georgina Muniz Washington trabalhou com Carmen e ressaltou a escolha de uma mulher forte e inspiradora para marcar o Ano Institucional, destacando o pioneirismo da engenheira e seu ativismo social e político. “Nós vamos homenagear uma mulher comemorando os cem anos da criação da Liga para Emancipação Intelectual da Mulher no Brasil. Carmen Portinho, mulher feminista, engenheira e, com muito orgulho, uma uerjiana”, exaltou a vice-reitora na cerimônia.

Sobrinha de Carmen, a coreógrafa e professora Gisele Santoro participou do evento e revelou a alegria com a homenagem à tia. “Uma felicidade enorme em ver que reconhecem o tanto

que ela fez pelo Brasil, pelas mulheres, pela cultura. O tanto que ela fez pelas pessoas menos privilegiadas e que, com isso, tiveram a chance de viver melhor”, comemorou ao falar sobre os conceitos de arquitetura e urbanismo implantados no país por Portinho.

A sub-reitora de Graduação, Tânia Maria de Castro Carvalho Netto, ressaltou a importância de que as mulheres busquem preencher os espaços que, historicamente, são ocupados por homens, assim como fez a urbanista ao longo de sua vida. “É preciso que ocupemos nosso lugar na altura que todas nós temos. Em qualquer lugar, com qualquer instrução que tenhamos. Um salve às mulheres como Carmen Portinho”, afirmou a professora.

Pioneirismo e inspirações para futuras gerações

Portinho abriu caminhos para as mulheres em diversas áreas. Nos anos 1950, ela chefou cerca de 450 operários nas obras do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, instituição dirigida por ela até os anos 1960. Atuou ainda na elaboração e coordenação do projeto estrutural do Aterro do Flamengo.

Conjunto Residencial Pedregulho foi projetado para abrigar funcionários públicos transferidos do Distrito Federal



A urbanista também realizou várias exposições de arquitetura e arte, uma de suas paixões. “Ela é o retrato vivo do que representa a mulher na sociedade, a mulher feminista, a mulher que luta pelos seus direitos. Então, é importante homenagearmos uma mulher que esteve conosco na UERJ e que teve uma influência e um papel extremamente ativo no desenvolvimento da Universidade”,

afirma Elaine Ferreira Torres, sub-reitora de Extensão e Cultura. Também na UERJ, a arquiteta foi assessora especial do Centro de Tecnologia e Ciências (CTC). Antes, em 1937, ajudou a criar a Associação Brasileira de Engenheiras e Arquitetas (ABEA), da qual foi a primeira presidente.

Ainda nos anos 1920, Carmen Portinho foi, segundo biografia do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, professora no Colégio Pedro II, quando ainda finalizava o curso de Engenharia. Ela lecionou durante três anos na instituição, o que foi um escândalo para a época, quando era impensável que uma mulher ministrasse aulas num internato masculino.

Como docente, arquiteta, urbanista e militante, Carmen inspirou diversas pesquisadoras. Doutora em Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Marcela Marques Ablá defendeu, em 2017, tese intitulada Gênero e Produção de Habitação Social: uma perspectiva para o projeto urbanístico a partir do pensamento de Elizabeth Denby, Carmen Portinho, Margarete Schutte-Lihotzky e Catherine Bauer. “Portinho foi fundamental porque ela vai à Europa, vai à Inglaterra e estuda as cidades devastadas (no pós-guerra) e como era aquela reconstrução; ela retorna ao Brasil e publica uma série de artigos, no jornal Correio da Manhã, intitulados ‘habitação popular’. E ali ela vai mostrando o que é o conceito do habitar popular para ela”, revelou a pesquisadora, que também participou da cerimônia de celebração na UERJ.

Entre suas muitas propostas de habitação popular que marcaram a arquitetura moderna brasileira, o conjunto residencial Pedregulho, no bairro de São Cristóvão, próximo à UERJ, é um dos destaques. A obra foi projetada por Affonso Eduardo Reidy, marido de Carmen Portinho. Ela, aliás, sempre defendeu que as mulheres não mudassem o nome após o casamento, numa demonstração de independência. Fiel a seus princípios, ela mesma não adotou o nome do arquiteto.



O setor realiza por dia, aproximadamente, 20 colonoscopias e 20 endoscopias digestivas altas

Gastroenterologia do HUPE agiliza procedimentos com novo equipamento

Setor adquiriu o aparelho Arco C, que possibilita diagnósticos por imagem de forma instantânea.

A tecnologia a serviço de esperança e alívio para pacientes e familiares que enfrentam tratamentos complexos no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE). É dessa forma, buscando um atendimento mais moderno, rápido e preciso, que o Serviço de Gastroenterologia e Endoscopia Digestiva do HUPE adquiriu, recentemente, o aparelho Arco C, que torna possível a elaboração de diagnósticos por imagem de forma instantânea, realizando procedimentos cirúrgicos mais eficazes e com menos radiação.

O setor trata de doenças que afetam o sistema digestivo ou trato gastrointestinal e seu principal objetivo é cuidar, detectar, prevenir e fazer o acompanhamento do paciente que busca tratamento com seus profissionais. As doenças

tratadas vão desde a síndrome do intestino irritável até a hepatite C. “É um alívio saber que ela vai ter um tratamento de qualidade”, desabafou Maria de Lourdes, acompanhante de um dos pacientes da área de Gastroenterologia do HUPE.

Com a chegada do recurso do Arco C, o departamento passou a realizar uma série de 17 exames, sem depender de outros setores do hospital, tornando-se o primeiro a realizar procedimento de colocação de prótese colônica em um hospital público no estado do Rio de Janeiro. Outro procedimento também possível de ser realizado foi a videofluoroscopia da deglutição, tornando o HUPE um hospital público pioneiro no procedimento e o segundo no Rio de Janeiro a realizar tal procedimento.

“O atendimento do HUPE foi crescendo e atualmente, faz procedimentos e atende no mesmo nível de hospitais de ponta no mundo. Todo tipo de procedimento é possível fazer aqui. O objetivo é fazer tratamento terciário, que precisa de um trato fino com o uso da robótica. É o que existe de mais moderno”, exaltou o coordenador da disciplina de Gastroenterologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) há 25 anos, professor Alexandre Abrão Neto.

O setor realiza por dia, aproximadamente, 20 colonoscopias e 20 endoscopias digestivas altas. Em 2018, a quantidade de pré-consultas para exames endoscópicos foi de 2.200 colonoscopias e 2.420 endoscopias digestivas altas por mês. O número de exames chegou à marca de 4.800 colonoscopias e 5.280 endoscopias. Além dos exames, o setor realiza cirurgias de baixo, médio e alto grau de complexidade. Com a chegada do arco cirúrgico, a previsão é aumentar a quantidade de atendimentos em 2019.

Câncer colorretal

O câncer colorretal é um tumor maligno que atinge o intestino grosso (o cólon) e o reto (última porção do intestino grosso). Existem cinco tipos de câncer colorretal: tumores carcinoides, tumores estromais gastrointestinais (GIST), linfomas, sarcomas e o adenocarcinoma, o mais comum deles.

O terceiro mais frequente entre os homens – o câncer de pulmão e o câncer de próstata aparecem em primeiro e segundo lugares, respectivamente – e o segundo entre as mulheres (em primeiro lugar aparece o câncer de mama), o câncer colorretal se origina a partir de um pólipso adenomatoso que, ao longo dos anos, sofre alterações progressivas em suas células, em 90 dos casos. O tumor começa na camada mais interna (mucosa) e pode crescer para uma ou todas as camadas.

Nesse contexto, por terem origem em pólipos que são pequenas elevações na parede do cólon ou do reto, crescem lentamente. Por isso, podem levar muitos anos para se tornarem malignos, o que permite que sejam identificados – por meio da colonoscopia – e retirados.

Dessa forma, esse tipo de câncer atinge homens e mulheres da mesma forma, com uma incidência um pouco maior na população masculina. A doença ocorre, predominantemente, na faixa etária adulta, principalmente a partir da quinta década de vida. No entanto, apesar de ser raro em crianças, é importante ressaltar que a doença não acomete apenas os mais velhos.

Risco de detecção tardia

Muitos pacientes procuram o setor especializado depois de já perceberem algum problema. Porém os médicos indicam que, para maior eficácia no tratamento de doenças gastrointestinais, exames devem ser feitos de forma preventiva, com o objetivo de iniciar os cuidados de forma mais rápida. Na maioria dos casos, o problema, quando descoberto cedo, pode ser resolvido sem grandes sequelas.

A busca de um câncer ou pré-câncer em pessoas assintomáticas é chamado de rastreamento. Feito de forma regular, pode, na maioria dos casos, diagnosticar alguns tipos de forma precoce, facilitando a cura, uma vez que, na fase inicial, a doença ainda não se espalhou pelo corpo.

O exame regular faz com que muitas doenças possam ser prevenidas, como no caso do câncer colorretal. Geralmente, esse tipo de câncer é resultado de um pólipso, que pode levar até 15 anos para se transformar em um câncer. A taxa de mortalidade vem diminuindo há várias décadas, já que, por meio de exames mais precisos e sofisticados, os pólipos colorretais são detectados por colonoscopia e, ao serem rastreados, podem ser retirados e examinados antes que se tornem uma doença mais grave.

A história de São Gonçalo no radar da Universidade

Faculdade de Formação de Professores investiga as experiências históricas do importante município da Região Metropolitana do Rio

As atividades desenvolvidas pelo grupo abordam temas ligados à história do município

Prestes a completar 25 anos, o grupo de pesquisa “História de São Gonçalo: memória e identidade”, da Faculdade de Formação de Professores (FFP), celebra o sucesso de suas pesquisas e projetos sobre a história e a memória do município da Região Metropolitana. Criado em 1996, o projeto tem como o objetivo investigar as experiências históricas vivenciadas naquela localidade, divulgando o resultado da pesquisa para a comunidade acadêmica e para a população externa.

Nesse processo, foram elaborados conjuntos de atividades pedagógicas que, com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), foram reunidas nas “Caixas de História”, projeto vinculado ao grupo de pesquisa Oficinas de História, dedicado a pesquisas na área do ensino da

área, buscando contribuir para o aprofundamento de reflexões sobre este campo de conhecimento. A experiência com o projeto possibilitou a elaboração do material didático sobre a recepção de imigrantes na região de São Gonçalo, publicado em 2015. Em 2018, foram adicionadas quatro atividades lúdicas ao material.

A partir de pesquisas realizadas pelo grupo formado por professores e alunos, foi possível compreender a relevância do trabalho com a história da imigração em São Gonçalo. O último censo do IBGE, em 2018, apontou o município como o terceiro do estado em número de imigrantes residentes, ficando apenas atrás do Rio de Janeiro e de Niterói.

Ao longo do tempo, várias ações vêm sendo realizadas nos municípios adjacentes, sempre considerando a abordagem sob o recorte da história



Por meio de pesquisas e memorial, a data 6 de abril foi reconhecida como início do município



O Memorial da Igreja Matriz realiza diversas atividades para o público externo

local como um campo privilegiado de investigação. Segundo o coordenador do grupo “História de São Gonçalo: memória e identidade”, Rui Aniceto Nascimento Fernandes, o projeto surgiu quando foi percebido o grande número de alunos que tinha interesse em estudar a história local. “A ideia do grupo de pesquisa surge pela demanda da própria unidade, quando muitos alunos procuravam estudar a história de São Gonçalo, mas encontravam poucas ferramentas, fontes e material”, explicou o professor do Mestrado Profissional em Ensino de História da FFP.

Paralelamente, o grupo realizou pesquisas para a reforma da Igreja Matriz de São Gonçalo. Por meio da análise de documentos e da realização de entrevistas com párocos e paroquianos que vivenciaram a última grande transformação, ocorrida na década de 1970, foram delineadas as ações a serem desenvolvidas no processo de recuperação da igreja. O resultado das pesquisas sobre a Igreja Matriz, em 2017, possibilitou a criação do Memorial Matriz de São Gonçalo, que busca resgatar a importância da igreja para a sociedade gonçalense como marco fundacional e identitário do município.

Segundo o doutorando em História da FFP, Rafael Navarro, o memorial é um espaço importante para a construção de uma memória acerca do município e vai além do fator religiosidade. “O memorial está além da dimensão religiosa. As atividades desenvolvidas pelo grupo, como o ciclo de estudos e as oficinas para professores, abordam temas ligados à história do município e incentivam sua utilização em sala de aula”, analisou Navarro. “O projeto também conta com visitas ao memorial e ao prédio da igreja pelas escolas municipais, estaduais e privadas, sempre com mediação de integrantes”, ressaltou.

Com uma exposição fotográfica permanente sobre São Gonçalo, o Memorial da Matriz transformou-se também em um percurso de discussão de história local. O grupo vem pautando ações do poder público e Rui Aniceto conta que, por meio de pesquisas e memorial, a data 6 de abril foi reconhecida, oficialmente, a partir deste ano, como a de início do município. “Formalmente, foi criado como unidade administrativa, em 1890, mas muitos lugares tomam como marco o local onde se criou e se estabeleceu o primeiro núcleo

de colonização. Nisso, indicamos ao governo que essa data é o dia 6 de abril de 1579, que é quando Gonçalo Gonçalves constrói a capela e, ao redor, surge o primeiro núcleo populacional”, revelou o professor.

Para Rafael Navarro, o grupo de pesquisa é uma iniciativa que está se consolidando a cada ano. “Temos produzido exposições, eventos, oficinas para professores. É um espaço cultural dinâmico e que oferece novas opções e atividades para a população de São Gonçalo. Trazer a UERJ, uma das principais universidades do país, acrescenta muito ao memorial para esse projeto”, enalteceu.

Museu da Imigração da Ilha das Flores

Além da Igreja Matriz, a UERJ também tem como pilar na pesquisa sobre memória e história de São Gonçalo o Museu da Imigração da Ilha das Flores, que serviu, no passado, como hospedaria para abrigar os estrangeiros recém-chegados ao país. Apesar de o local ser amplamente conhecido pela produção acadêmica sobre imigração, sua história foi pouco estudada. Em 2010, a Marinha do Brasil e a UERJ firmaram um convênio para usar esse espaço, tornando-o adequado para exposições.

Dessa forma, criou-se o Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores, com o objetivo de pesquisar e divulgar as experiências (i)migratórias vivenciadas naquele espaço. As atividades do Centro de Memória vêm sendo conduzidas por um grupo composto por professores, bolsistas e voluntários vinculados à UERJ.

Além desse grupo, o museu conta também com o auxílio de militares e a parceria com pesquisadores da imigração que atuam em instituições nacionais e internacionais, como o Museu da Imigração do Estado de São Paulo, o *Museo de la Inmigración* de Buenos Aires, o *Ellis Island National Museum Immigration* e o *Canadian Museum of Immigration at Pier 21*.

O Centro de Memória é responsável pela coordenação acadêmica do primeiro equipamento cultural público do estado do Rio de Janeiro, com vistas a agregar pesquisadores da área da imigração e, principalmente, sensibilizar a população fluminense acerca desse tema. Desse modo, a Universidade cumpre com suas tarefas de estabelecer uma interface entre a pesquisa, o ensino e a extensão, por meio do diálogo com a sociedade, estimulando o exercício da memória e despertando a curiosidade acerca do passado.

De acordo com Aniceto, essas ações servem para refletir nesses processos identitários. “A nossa ideia não é endeusar o passado, mas sim tentar mostrar que a história só foi mudando pelos agentes históricos e que esses processos não são lineares”, disse.



A partir de pesquisas realizadas pelo grupo formado por professores e alunos, foi possível compreender a relevância do trabalho com a história da imigração em São Gonçalo

Um ano depois de reforma, CTE comemora bons resultados

Com novos recursos, Centro de Tecnologia Educacional pretende implantar núcleo de memória audiovisual e ampliar sua função como espaço de pesquisa



O novo espaço agora conta com equipamentos modernos e uma equipe de profissionais especializados

Cobertura jornalística de atividades universitárias, transmissão ao vivo de eventos pela internet, produção de vídeos, vinhetas de TV, videoconferências e elaboração de materiais didáticos e instrucionais. Esses são apenas alguns dos serviços que o Centro de Tecnologia Educacional (CTE) continua a oferecer, com ainda mais tecnologia, após a revitalização realizada em 2018.

Seu novo espaço agora conta com equipamentos modernos, salas reformadas, ambiente de trabalho otimizado e uma equipe de profissionais especializados em suas funções internas, mas também interagindo com o mundo virtual, por meio do novo site e do *Instagram*.

A reforma foi pensada para atender às demandas atuais de professores, alunos e funcionários da

Universidade no desenvolvimento de seus projetos. As instalações foram renovadas pensando no conforto e nas necessidades do público-alvo. São oferecidos mesa e sala de conferência, projetor multimídia, quadro branco, ar-condicionado, mesa auxiliar, *laptop*, mesa de som e *webcam*.

Para a diretora do CTE, Ana Cláudia Theme, o avanço obtido é resultado do esforço e do trabalho da equipe, que não se abateu com a crise do Estado e acreditou na ideia de transformar o centro num setor mais moderno. O espaço está apto a oferecer à Universidade as instalações adequadas para diferentes projetos envolvendo tecnologia educacional. “O CTE contou com um projeto foi aprovado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Com os recursos, foi possível fazer

as obras, renovar as instalações e as salas que estavam muito precárias”, esclareceu.

Em 2018, o setor teve mais um programa aprovado pela Faperj. Dessa vez, o apoio será usado para a implantação de um núcleo de memória audiovisual da instituição. A diretora afirma que, após a liberação dos recursos, o CTE pretende transformar o espaço em uma fonte de pesquisa e de valorização da memória. “A ideia é que o espaço seja reformado e transformado em um local adequado para realização de exposições

audiovisual, cineclube, além da disponibilização do acervo para pesquisas”, reforçou Ana Cláudia.

O CTE conta com a Rádio UERJ e a TV UERJ, duas linhas de atuação do centro como setor especializado na produção e na divulgação radiofônica e audiovisual. O CTE possui ainda com videoteca, que reúne o acervo de memória da Universidade em vídeo. Além disso, a unidade tem 11 projetos universitários, sendo sete de extensão e quatro de estágio interno complementar.



O CTE conta com a Rádio UERJ e a TV UERJ, duas linhas de atuação do centro como setor especializado na produção e na divulgação radiofônica e audiovisual

Rádio UERJ é finalista em prêmio nacional de música

A Rádio UERJ foi uma das primeiras rádios universitárias brasileiras e está há quase 15 anos na *web*. Com objetivo de divulgar serviços e ações da Universidade em ensino, pesquisa, cultura e extensão, 24 horas por dia, a rádio conta com programas próprios e em parceria com professores, servidores e alunos.

A Rádio foi indicada em duas categorias no Prêmio Profissionais da Música 2019: melhor web-rádio e melhor programa de rádio, pelo programa “Pelas Bandas da Uerj”. Apresentado por Ricardo Benevides, professor da Faculdade de Comunicação Social (FCS), e Carlos Eduardo Lima, o programa está em sua terceira temporada e ficou entre os semifinalistas. Já a Rádio segue concorrendo e é uma das seis finalistas na categoria Convergência. Agora, a votação será feita por júri especializado.

Segundo Benevides, concorrer ao prêmio é motivo de orgulho para toda a equipe e serve para coroar uma conquista importante: em 2019, o programa passou a ser classificado oficialmente como um projeto de extensão da UERJ, o que cumpre, segundo o professor, seu papel de produzir conhecimento. “É interessante que o prêmio dê essa visibilidade. Só a indicação já é muito importante”, enaltece.

Ele ressalta ainda a importância do profissionalismo e da competência técnica da equipe e, sobretudo, da excelência nas condições de gravação. “Precisa ser sempre enfatizado que estamos gravando em estúdios muito sofisticados. Atualmente, em termos de equipamento e estrutura, o CTE não deixa nada a dever a nenhum estúdio de rádio universitária do país”, exalta.

Para Ana Cláudia Theme, a Rádio UERJ vem vivendo um bom momento e a indicação é um reconhecimento muito importante. “Desde o ano passado, a Rádio vem passando por uma revitalização, com uma nova grade de programas e com cada vez mais parcerias firmadas; por isso, nós do CTE consideramos a indicação já como um prêmio”, conclui a diretora.

Destruição das florestas faz temperatura subir no Brasil

Pesquisadores do IBRAG comprovam que o aumento pode ser de 1,45° até 2050

A destruição das florestas pode ter impacto significativo nas temperaturas locais em diversas regiões do planeta. Essa conclusão é de um estudo inédito conduzido pelo professor Jayme Prevedello, do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes (IBRAG), em conjunto com pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade de São Paulo (USP), além de duas universidades americanas. O artigo, publicado em março na revista científica *Plos One*, analisa o passado e faz uma projeção alarmante para o futuro: no Brasil de 2050, os termômetros podem subir até 1,45°C, se for mantido o atual ritmo de uso do solo.

Os autores explicam que as florestas nativas cobriam 40% da superfície terrestre, mas o desmatamento extensivo nos últimos 300 anos reduziu essa área significativamente. As consequências sociais, econômicas e ecológicas decorrentes das mudanças na cobertura florestal já eram conhecidas. Mas até recentemente, segundo eles, a limitação de dados específicos disponíveis dificultava a quantificação dos impactos.

Em relação a pesquisas anteriores, o trabalho traz aspectos complementares e inovadores. “Em primeiro lugar, comparamos a mudança de temperatura ao longo do tempo (10 anos) nas mesmas áreas, em vez de comparar áreas vizinhas diferentes (com e sem floresta). Em segundo lugar, conseguimos avaliar como diferentes taxas de desmatamento afetam a temperatura, em vez de apenas avaliar os impactos em áreas totalmente desmatadas. Por último, mostramos que o reflorestamento pode reverter os efeitos climáticos do desmatamento. Combinados, esses três pontos fornecem evidências extremamente fortes de que é a perda da cobertura florestal, de fato, que esquentas as áreas”, destaca Prevedello.

A partir de mapas de alta-resolução, produzidos por equipe liderada pelo professor Matthew Hansen, da Universidade de Maryland (EUA), foram coletados dados sobre a cobertura florestal nos anos de 2000 e 2010. Os pesquisadores quantificaram a redução e o aumento das florestas em cada célula de cinco quilômetros quadrados de todo

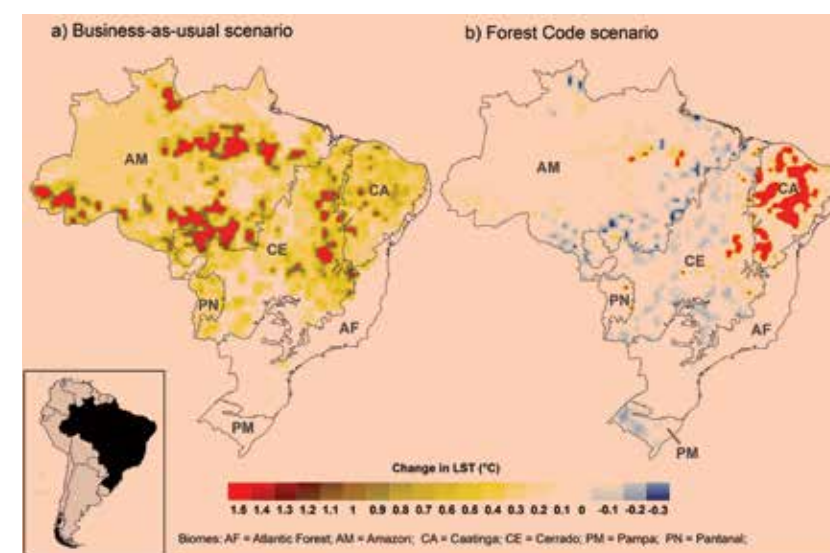
o globo, na chamada escala local, possibilitando obter resultados precisos para diferentes regiões (tropical, temperada e boreal). Essas informações foram analisadas junto a três variáveis climáticas: a temperatura de superfície do solo (LST), a evapotranspiração (ET) e o albedo (poder de reflexão de uma superfície).

Os resultados apontaram que a mudança da cobertura florestal afeta diretamente esses fatores. A descoberta fornece mais evidências da necessidade de se promover a recuperação de florestas – especialmente em regiões tropicais e temperadas.

O desmatamento de 2000 a 2010 causou um aquecimento consistente de 0,38°C nas regiões tropicais e 0,16°C nas temperadas. A boa notícia é que esse quadro pode ser revertido. Nas áreas onde houve reflorestamento, o efeito foi oposto, com resfriamento de 0,18°C e 0,19°C, respectivamente. As florestas tropicais se mostraram particularmente sensíveis aos efeitos climáticos das alterações, com perdas de cobertura florestal de aproximadamente 50% associadas a aumento de LST de 1,08°C, enquanto que os ganhos de cobertura florestal semelhantes diminuíram a LST em 1,11°C.

De acordo com Prevedello, o albedo é uma medida de reflexão da luz solar de determinada superfície. “Uma camisa branca, tem maior albedo que uma preta, refletindo mais a radiação e, portanto, absorvendo-a menos, levando a um menor aquecimento”, explica. “Já a evapotranspiração é a soma da água perdida na forma de vapor através da transpiração das plantas e da evaporação do solo; quanto maior for, maior a quantidade de água no ar, levando a um resfriamento local”, acrescenta.

Em ambientes florestais, as plantas absorvem o calor da luz solar devido aos pigmentos escuros existentes nos seus tecidos (folhas, galhos e troncos) e à noite liberam este calor em forma de transpiração. “As florestas desempenham papel fundamental de regulação da temperatura, através dos processos de absorção/reflexão da luz solar e evapotranspiração: em locais tropicais, formam uma barreira à irradiação solar, mantendo seu interior mais fresco e contribuindo para o aumento da umidade relativa e formação de nuvens de chuva, ao liberar esse calor na forma de vapor d’água”, complementa a professora Gisele Winck, da UFRJ.



Aumento da temperatura no Brasil

A segunda parte do estudo projetou o modelo de mudanças no clima do Brasil para as próximas décadas, sob dois cenários. Em um deles, o Código Florestal (aprovado em 2012) seria respeitado. Já no outro, denominado “Business as Usual” (BAU), presumiu-se que não haveria controle do desmatamento no país. No primeiro caso, a temperatura subiria apenas 0,2°C até 2050. O florestamento seria responsável por favorecer o resfriamento, especialmente na Amazônia e no Cerrado.

Por outro lado, nas condições BAU em que se mantém o ritmo atual de uso do solo, a temperatura chega a subir 1,45°C. “Com isso, demonstramos como as políticas públicas atuais podem nos impactar futuramente”, afirma Winck.

Jayme Prevedello alerta que esse aumento considera apenas o aquecimento local devido à perda da cobertura florestal. Não inclui o possível aquecimento regional esperado pelas mudanças climáticas globais provenientes dos relatórios do Painel Intergovernamental Climático (IPCC), que levam em conta os efeitos dos gases estufa como metano e gás carbônico. “Então, se considerarmos os efeitos do desmatamento e os efeitos das mudanças climáticas na temperatura, o aumento real poderá ser superior aos 1,45°C apresentados neste trabalho. Além disso, é importante ressaltar que esse número se baseia na média de temperatura entre dia e noite; se considerarmos apenas durante o dia, o aquecimento pode ser de até 3°C”, conclui o pesquisador.

Foram estudados dois cenários: mantendo-se os padrões de uso do solo, a temperatura pode subir quase 1,5°C até 2050; se o Código Florestal for implementado integralmente, o aumento previsto é de apenas 0,2°C

O desmatamento de 2000 a 2010 causou um aquecimento consistente de 0,38°C nas regiões tropicais e 0,16°C nas temperadas



Em meio a uma das maiores crises da Universidade, o grupo de alunos criou o projeto Stand UPET



Projeto de educação ambiental fabrica pranchas com uso de garrafas PET

Stand UPET recicla garrafas plásticas e outros objetos de material variado para conscientizar a população sobre o problema da poluição do meio ambiente

As praias, diariamente, são poluídas com centenas de garrafas PET descartadas de forma incorreta que, por consequência, chegam ao mar: o refúgio de quem gosta de praticar esportes praianos. Esse problema aliado à falta de conscientização das pessoas e o descaso com a causa são os principais motivos da poluição e, por isso, um grupo de alunos da Oceanografia, Educação Física e Geografia, todos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 2017, se uniram para colocar em prática a educação ambiental que aprenderam no curso e criaram o Stand UPET.

“As crianças veem um objeto do cotidiano delas se transformando em uma coisa que nunca viram antes, isso chama muita atenção e abre portas para criatividade. Essas garrafas que poderiam se tornar em microplástico no mar, estão servindo para te colocar em contato com o mar”, enfatizou Breno Fontel para importância.

A prancha foi inspirada no projeto, a Prancha Ecológica, em Garopaba, Santa Catarina, tem como foco principal a reciclagem. Assim, por meio da parceria com uma cooperativa de catadores de material reciclável, foram criadas as pranchas de *stand up paddle*

(SUP), feitas de garrafas PET. Além das garrafas, a fabricação usa outros materiais como peças de ventilador e discos de vinil, para compor as quilhas e outras partes da prancha. A produção das pranchas, que leva cinco dias por conta da secagem da cola, utiliza cerca de 90 garrafas em cada uma e, para melhorar a flutuação, gelo seco é utilizado dentro das garrafas.

“A gente pega garrafas descartáveis, que são coisas que usamos uma vez na vida e depois vão para o lixo. Depois a gente as reaproveita para fazer algo que a gente pode utilizar mais tempo durante a nossa vida. Se divertir a partir do lixo: acho que é basicamente esse o conceito. Nosso projeto tem muito mais um viés social, mais educativo do que comercial. Disseminar a ideia da reutilização, reciclagem e educação ambiental”, explicou Guilherme Malaguti.

O SUP é feito de materiais de baixo custo e prova como o esporte pode ser universal. A ideia do grupo é democratizar o mar e tornar mais acessível o esporte, já que uma prancha convencional chega a custar R\$ 3 mil, e a Stand UPET custa em torno de R\$ 200. Além de focar na questão ambiental, do reaproveitamento do lixo e na prática esportiva, o grupo cria uma alternativa barata e sustentável para um esporte caro em geral.

“A ideia do projeto é conscientizar a galera sobre essa questão de sustentabilidade, sobre as nossas ações com o lixo plástico, que é muito perigoso, a questão do meio ambiente com esporte e lazer, e a questão de acessibilidade ao *stand up*, que é um esporte muito caro. A gente está trazendo ele para todo mundo poder fazer. É bem fácil, é só ter tempo e disposição. Fica muito mais barato fazer essa prancha do que comprar uma”, disse Yuri.

Em meio a uma das maiores crises que a Universidade enfrentou, o Stand UPET, que surgiu de uma revolta com o descaso com a poluição da Baía de Guanabara. Com isso, os alunos aproveitaram o tempo livre forçado pela falta das aulas para criar o projeto, resultando em pauta difundida em diversos veículos da imprensa.

A produção das pranchas, que leva cinco dias por conta da secagem da cola, utiliza cerca de 90 garrafas PET



O que é a garrafa PET e os danos para o meio ambiente

O Stand UPET é importante para trazer à tona um problema submerso na água, literalmente: a fabricação e o uso indiscriminado de plástico no mundo. Por serem versáteis e econômicos, facilitaram os avanços na sociedade e principalmente a forma como bebidas e alimentos são consumidos. Porém o uso desenfreado está beirando o insustentável, atingindo níveis críticos.

A cada minuto, um milhão de garrafas plásticas são vendidas em todo o mundo; por ano, o consumo é de cerca de 500 bilhões de unidades. Os dados são de um levantamento da Euro-monitor feito a pedido do jornal britânico *The Guardian*. Muitas das embalagens produzidas deveriam ser recicladas, mas o número de reciclagem ainda é baixo.

Em 2016, o consumo mundial foi de mais de 480 bilhões de garrafas plásticas de água. Menos da metade delas foi coletada para reciclagem. Apenas 7% encontraram uma segunda vida como garrafas novas. O resto seguiu para lixões e

aterros sanitários ou serviu para a poluição da terra e do mar.

O futuro não é animador se medidas efetivas não forem colocadas em prática. Não faltam dados do quanto o lixo nos oceanos afeta a vida marinha e, por consequência, todos que vivem dela. O aumento da utilização de plásticos é de tal forma significativo que, em 2050, os oceanos terão mais detritos desse material do que peixes, alertou um relatório da Fundação Ellen MacArthur no Fórum Econômico Mundial, em 2016.

Grande parte das garrafas de plástico é usada pela indústria de bebidas, sendo seu material Tereftalato de Polietileno (PET), altamente reciclável. Nos últimos anos, ativistas ambientais têm pressionado as empresas produtoras a usarem PET reciclado para confeccionar novas garrafas. Apesar disso, segundo a reportagem do *The Guardian*, há uma grande resistência à ideia por questões estéticas: garrafas recicladas não são tão transparentes quanto as produzidas com matéria-prima virgem.



As praias diariamente, são poluídas com centenas de garrafas PET descartadas de forma incorreta



Impactos do pós-consumo

Os impactos do pós-consumo são causados pelas garrafas encaminhadas para os aterros sanitários e principalmente por aquelas que são descartadas diretamente na natureza. No caso das garrafas descartadas corretamente, temos os impactos causados pela atividade de coleta e transporte do lixo, principalmente as emissões atmosféricas (CO₂). Além disso, os nossos aterros estão cada vez mais distantes das grandes cidades e temos um problema crônico de falta de espaço para dispor do nosso lixo. O custo da coleta e disposição dos resíduos é cada vez mais alto para os contribuintes. Desta forma, recursos do município que poderiam ser investidos em saúde, educação, segurança, acabam subsidiando essa elevação dos gastos com o lixo.

Nos casos em que as garrafas não têm destinação adequada e são descartadas diretamente na natureza, temos um problema ainda mais grave. Geralmente as garrafas vão parar nos rios, agravando a poluição da água e o problema das enchentes. O plástico demora mais de 100 anos para se decompor e pode causar até a perda de biodiversidade. Fragmentos de plástico podem ser consumidos



Fragmentos de plásticos podem ser consumidos por animais que confundem com comida

por animais que os confundem com comida, levando-os à morte. Isto está se tornando especialmente grave nos oceanos, onde estudos indicam que boa parte das águas já está contaminada.

Outras soluções para a garrafa PET

» LUZ

Assim como o grupo uerjiano, com a criatividade presente e um forte faro empreendedor, o mecânico mineiro Alfredo Moser, em 2001, teve a ideia de reaproveitar garrafas PET cheias d'água para iluminar cômodos escuros durante o dia, sem usar energia elétrica. Simples e barata, a ideia ultrapassou os limites de Uberaba, cidade onde foi inventada, e ganhou o mundo, chegando à África e à Ásia.

» CONSTRUÇÃO

Tijolos feitos com areia e *flakes* (pequenos flocos de PET) tornam mais barata a construção e ajudam com o problema das garrafas de plástico. A ideia foi resultado de um projeto de estudantes do Mato Grosso. Além da economia com a troca dos tijolos convencionais por esse material, a redução da quantidade de plástico que é jogada nos aterros seria uma realidade.



Em 2050, os oceanos terão mais detritos desse material do que peixes, alertou um relatório da Fundação Ellen MacArthur no Fórum Econômico Mundial, em 2016

Inaugurada em janeiro de 2019, livraria é símbolo da divulgação acadêmica e científica da Universidade

Espaço já conta com cerca de três mil títulos publicados

A UERJ inaugurou, em janeiro sua livraria universitária, batizada de Livraria da EdUERJ. O local foi modernizado para melhorar ainda mais a divulgação acadêmica e científica produzida pelos pesquisadores de todos os setores da instituição. Em um panorama em que a cultura se mostra vulnerável e lojas tradicionais fecham as suas portas, o investimento em uma livraria universitária pode ser considerado uma aposta na valorização do conhecimento e principalmente uma aposta na função social.

Destinado a comercializar títulos acadêmicos, o espaço já conta com cerca de 3.000 obras acadêmicas e científicas publicadas. De acordo com a EdUERJ, há possibilidade de parcerias com mais de 120 editoras de obras universitárias.

A expectativa é que o número de editoras aumente, atualmente existem cerca de 30 editoras no local. “O número cresce dia a dia e o objetivo é chegarmos a 200 editoras”, afirma a direção. Podendo ser acadêmicas e universitárias, ou as editoras privadas que desejem comercializar obras de interesse do universo acadêmico, como os títulos requeridos para exames de vestibular ou de autoria de intelectuais.

O reitor Ruy Garcia Marques considerou a inauguração como um engrandecimento da

Destinado a comercializar títulos acadêmicos, o espaço já conta com cerca de 3.000 obras acadêmicas e científicas publicadas

Universidade. “A Livraria da EdUERJ permitirá a disponibilização à comunidade uerjiana de livros editados não somente pela nossa Editora, mas também por muitas outras editoras universitárias nacionais. Tenho absoluta convicção de que estamos dando um passo grandioso para o fortalecimento e o engrandecimento da nossa Universidade”, disse.

O coordenador da EdUERJ, Gláucio Marafon, falou sobre o perfil da Livraria. “O espaço vai incentivar a produção de autores da Universidade e vai sediar eventos culturais mensais e lançamentos de livros”, resumiu. “Mais da metade das obras presentes no acervo da EdUERJ são de publicações que foram editadas com apoio da FAPERJ, pelo programa APQ 3 (Programa de Auxílio à Editoração)”, ressaltou.

Durante o evento de inauguração o secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação, Leonardo Rodrigues, parabenizou a iniciativa da Universidade e afirmou o desejo de implantar esse projeto em outras instituições de ensino. “O trabalho da UERJ é muito sério. Sabemos quantas foram as dificuldades nos últimos anos e acreditamos que os próximos serão melhores. O governo está muito comprometido com as universidades. Podem contar com todo nosso empenho e, principalmente, com nosso trabalho. Quanto mais investimento na área de formação cultural e desenvolvimento científico, melhor. Essa é uma iniciativa a ser copiada”, explicou.

Para Jerson Lima Silva, presidente da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), começar o ano inaugurando uma livraria de uma editora importante é um grande marco, não apenas para a Universidade, mas para

tudo o estado e reafirma a importância da divulgação de publicações. “A FAPERJ, que tem um programa de apoio de publicação, sofreu problemas por conta da crise fiscal do Estado, mas tem um histórico que comprova a sua importância. Esse momento é grandioso também porque sinaliza que queremos retomar, divulgar, fazer outras edições de nossas publicações mais lidas e também porque a Universidade não tem fronteiras para o conhecimento”, afirmou.

A aluna de Ciências Sociais Nicolle Mello, que passava pela local, celebrou a reabertura da livraria e a boa fase que a Universidade vem passando. “Desde que entrei vi esse espaço fechado por muito tempo. Agora, depois de obras, encontrar esse local aberto e em funcionamento é algo muito positivo, por poder divulgar ainda mais todo conteúdo produzido na Universidade, que tem um papel político muito importante”, concluiu.

Com a inauguração, a Editora da UERJ ganhou uma vitrine para os seus livros e um leque de possibilidades de novos relacionamentos com públicos e parceiros. Recentemente, o horário de funcionamento, de segunda a sexta-feira, foi expandido, iniciando-se às 9h e indo até as 21h.

Livraria da UERJ ganhou uma vitrine para os seus livros e um leque de possibilidades de novos relacionamentos com públicos e parceiros





EDITORA DA UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Lançamentos 2016, 2017 e 2018

Machado de Assis e o cânone ocidental: itinerários de leitura

Sonia Netto Salomão

Dividido em três partes, o livro observa os mecanismos de diálogo de Machado com o leitor e o crítico, analisa a ironia no tecido retórico da narrativa machadiana e, por fim, revê a relação do escritor carioca com a cultura italiana.



59^o 2017
JABUTI

Categoria: Teoria/Crítica Literária,
Dicionários e Gramáticas



Dimensionamento de Estruturas de Aço

Luís Simões da Silva, Rui Simões, Helena Gervásio, Pedro Vellasco, Luciano Lima

Concebida pelo Comitê de Atividades Técnicas da European Convention for Constructional Steelwork, a publicação mescla conceitos teóricos e descrição de procedimentos práticos, tornando-se única para um amplo mercado de construção.



Sistemas de equações diferenciais ordinárias e transformada de Laplace com o uso do software Maxima

Alexandre Rojas, A. C. de Castro Barbosa, Cláudia Ferreira Reis, Concordido

A obra dá continuidade ao livro desta mesma coleção intitulado Equações diferenciais ordinárias com o uso do software Maxima.



Biodiversidade e Sociedade no Leste Metropolitano do Rio de Janeiro

Marcelo Guerra Santos (org.)

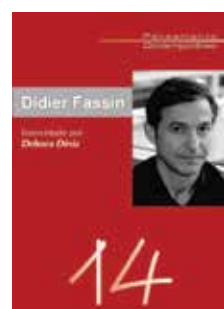
Apresenta o resultado de pesquisas desenvolvidas em cinco municípios do Estado do Rio marcados por impactos ambientais e sociais. Analisando as realidades de São Gonçalo, Niterói, Maricá, Cachoeiras de Macacu e Tanguá, discute a diversidade e a conservação da fauna e da flora.



Antonin Artaud (Esgotado)

Ana Kiffer

A autora propõe questionamentos, analisando a experimentação poética e pictural e os modos como certo “pensamento do corpo” emergem nos textos do escritor francês.



Didier Fassin – Entrevistado por Debora Diniz

Andrea Loyola, Debora Diniz (orgs.)

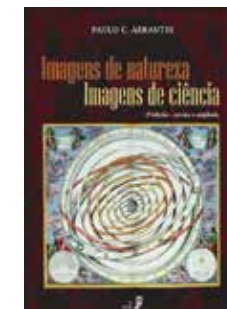
Médico, antropólogo e sociólogo, Didier Fassin aborda temas como humanitarismo, antropologia moral e as significações históricas, políticas e sociais envolvidas nos julgamentos das ações cotidianas e nas relações internacionais.



Da Justiça em nome d'El Rey: Justiça, Ouvidores e Inconfidência no Centro-Sul da América Portuguesa

Claudia Cristina Azeredo Atallah

A obra consiste em um estudo das relações políticas típicas do Antigo Regime Português (1720-1777), na comarca do Rio das Velhas, capitania de Minas Gerais.



Imagens de natureza, imagens de ciência

Paulo C. Abrantes

A partir de diversos episódios da história das ciências, o autor traça um panorama que compreende o período que se estende da antiguidade até o século XIX, enfocando áreas como a astronomia, a física e a biologia.



Da gênese aos compromissos: uma história da UERJ (1950-1978) - PDF

Deise Mancebo

A obra propõe um olhar crítico sobre a trajetória da UERJ, acompanhando desde o cenário político que possibilitou sua criação, em 1950, até o final dos conturbados anos 1970.



Caminhos trilhados e desafios da educação superior no Brasil

Paulo Tafner, Hamilton Tolosa, Léo da Rocha Ferreira, Carolina Botelho (orgs.)

Partindo do relatório entregue ao Conselho Nacional de Educação, em 2007, a obra fornece dados relevantes e informações inéditas sobre as mudanças pelas quais passou o sistema educacional brasileiro, debatendo suas principais limitações e os desafios mais graves.



Inteligência computacional aplicada a problemas inversos em transferência radiativa

Antônio José da Silva Neto, José Carlos Becceneri, Haroldo Fraga de Campos Velho (orgs.)

Soluções baseadas em técnicas de inteligência computacional para problemas inversos em transferência radiativa são abordadas de forma abrangente.



Desenvolvimento e Civilização: Homenagem a Celso Furtado (PDF)

Theotonio dos Santos

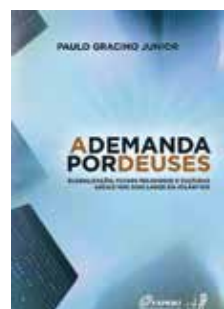
Os capítulos abrangem aspectos relacionados à história mundial, à política externa e à globalização, entre outros, formando um conjunto de questões relevantes à discussão sobre os rumos da sociedade contemporânea.



Transdiversidades: práticas e diálogos em trânsitos

Anna Paula Uziel e Flávio Guilhon (orgs.)

O livro é uma reunião de textos oriundos do seminário Desafios das Práticas no Campo das Transdiversidades, realizado na UERJ em 2014, e integra a série Sexualidade em Debate, do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM).



A demanda por deuses

Paulo Gracino Junior

O que faz com que algumas regiões sejam tão receptivas à mensagem pentecostal, ao passo que outras se mostram inteiramente inóspitas à sua presença? O autor propõe um trabalho comparativo visando evidenciar as similitudes entre o caso brasileiro e o português.



Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção

(Reimpressão – 2016 - Esgotado)

Euridice Figueiredo

Transitando da literatura brasileira às literaturas de língua francesa, a autora analisa textos que enfocam a sexualidade feminina, inclusive questões polêmicas como incesto e prostituição.



Política urbana no contexto federativo brasileiro: aspectos institucionais e financeiros

Angela Moulin Simões Penalva Santos

Destaca os efeitos da Constituição de 1988, que atribuiu aos municípios a responsabilidade de gerir a política urbana. Trata-se de obra multidisciplinar, englobando economia, urbanismo, geografia, história e ciências políticas.



James Clerk Maxwell – Textos selecionados

Antonio Augusto Passos Videira e Carlos Fils Puig (orgs.)

Apresenta textos, alguns inéditos em português, de James Clerk Maxwell, reconhecido como um dos pilares da criação do eletromagnetismo. Traz escritos que mostram a diversidade de sua pesquisa e também artigos de cunho mais geral e filosófico.



Eleições, opinião pública e comunicação pública no Brasil contemporâneo: homenagem a Marcus Figueiredo

Felipe Borba, Alessandra Aldé (orgs.)

A publicação integra a Coleção Sociedade e Política, editada em parceria com o Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Uerj (Iesp). Reúne trabalhos de cientistas políticos que seguem o legado do professor Marcus Figueiredo.



A escrita da cultura – Poética e política da etnografia

James Clifford e George Marcus (orgs.), Maria Claudia Coelho (tradução)

A obra é uma tradução de Writing Culture, coletânea de artigos de antropólogos de origem anglo-saxã que demarcou uma nova tendência intelectual nos estudos sobre a sociedade e a cultura, conhecida como pós-modernismo.

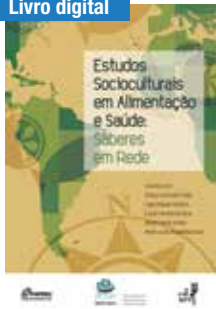


Work in Brazil – Essays in historical and economic sociology* (ePUB e PDF)

Adalberto Cardoso

*Livro publicado em inglês

Esquemas institucionais, ação política, identidades sociais e políticas; relações de classe; inércia social e dependência histórica são os aspectos principais abordados neste livro.



Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede (ePUB e PDF)

Shirley Donizete Prado, Ligia Amparo-Santos, Luisa Ferreira da Silva, Mabel Gracia Arnaiz e Maria Lucia Magalhães Bosi

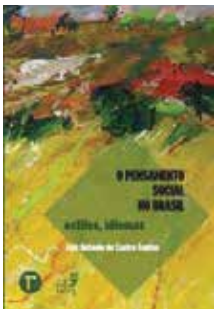
Esta coletânea corresponde ao quinto volume da Série Sabor Metrópole, organizada pela Rede Ibero-Americana de Pesquisa Qualitativa em Alimentação e Sociedade (Rede NAUS).



A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática (7ª ed.)

Cláudio Cezar Henriques e Darcília Simões (orgs.)

Analisa os fundamentos teóricos e as normas inerentes à redação de trabalhos acadêmicos. Esta nova edição inclui orientações sobre a elaboração de referências a livros eletrônicos e o capítulo “Revisão e ilustração do texto: fatores de confiabilidade”.



O pensamento Social no Brasil: estilos, idiomas

Editado em parceria com a Gramma Editora

Luiz Antonio de Castro Santos
Os textos apresentam nomes cuja produção intelectual pautou-se pela perspectiva de uma reflexão original sobre o Brasil. A relação de autores abordados vai de Sérgio Buarque de Holanda a Antonio Candido, com destaque para Gilberto Freyre.



HUPE – Série Rotinas Hospitalares: Obstetrícia – 2ª Edição (ePUB)

Alexandre José Baptista Trajano, Denise Leite Maia Monteiro e Nilson Ramires de Jesús (orgs.)

Este livro é o resultado do trabalho de médicos e professores que atuam no Núcleo Perinatal do Hospital Universitário Pedro Ernesto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no atendimento a gestantes e puérperas.



Literatura, Leitura e Educação (Coleção – Pesquisa em Educação)

Márcia Cabral da Silva, Estela Natalina Mantovani Bertoletti (orgs.)

Reúne ensaios sobre a literatura destinada à infância e ao jovem e sobre as práticas de leitura no âmbito da escola e da vida social. Os autores transitam por diversos recortes temporais da relação entre leitura e educação.



Brasil-Portugal: pontes sobre o Atlântico: Múltiplos olhares sobre a e/imigração

Lená Medeiros de Menezes e Fernando de Sousa (orgs.)

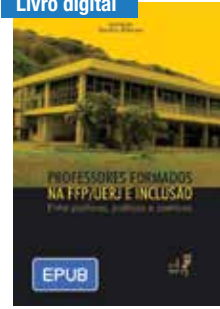
A obra parte da premissa de que a emigração e a imigração configuram um processo complexo que ultrapassa o episódio pontual do deslocamento, marcando profundamente a vida de seus protagonistas.



Atlas Geográfico: Município de Três Rios (PDF)

Glaucio José Marafon (org.)

Com um enfoque bem didático, reúne textos, fotos, mapas, tabelas e gráficos. Todos os recursos visuais são acompanhados por textos explicativos em linguagem acessível.



Professores Formados na FFP/UERJ e Inclusão: Entre Políticas, Práticas e Poéticas [Epub]

Anelice Ribetto (org.)

Esta obra deseja dar a ver e falar práticas, políticas e poéticas inclusivas, que emergem no campo de atuação dos egressos do curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ como uma política da narratividade.



Clio-Psyché – Discursos e Práticas na História da Psicologia (1888-1940)

Ana Maria Jacó-Vilela, Dayse de Marie Oliveira

A história da psicologia, hoje, é muito mais que uma matéria incluída no currículo de formação de psicólogos, estabelecendo-se como um vasto campo de pesquisa e de conhecimento. Isso é particularmente notável no espaço latino-americano.



Revisitando o território fluminense, VI (ePUB)

Glaucio José Marafon, Miguel Angelo Ribeiro (orgs.)

Com temáticas variadas (tributação imobiliária, fragilidade ambiental, sustentabilidade, agricultura familiar etc.), as pesquisas apresentam como denominador comum o recorte espacial sobre o estado do Rio de Janeiro.



Atlas Geográfico: Município de Itaboraí (PDF)

Glaucio Marafon (org.)

Realização do Núcleo de Estudos de Geografia Fluminense (NEGEF), do Instituto de Geografia da UERJ, este atlas é fruto de investigação que perpassa a pesquisa, o ensino e a extensão, somando contribuições de professores e alunos de graduação e pós-graduação.



A Violência das Letras: Amizade e Inimizade na Literatura Brasileira (1888-1940)

César Braga-Pinto

Estudo da sociedade brasileira do fim do século XIX e começo do século XX, delineado a partir das evidências de como os escritores interagiam e da maneira como retratavam os mecanismos das relações cotidianas.



Estudos Territoriais no Brasil e na Costa Rica

Glaucio José Marafon, Lilliam Quirós Arias, Meylin Alvarado Sánchez (org.)

A obra propõe um viés geográfico, em seu espectro mais amplo, sobre as realidades de Brasil e Costa Rica. Fruto de convênio entre o Instituto de Geografia da UERJ e a Escola de Ciências Geográficas da Universidade Nacional da Costa Rica, reúne artigos de pesquisadores de ambas instituições.



Salas abertas: Formação de Professores e Práticas Pedagógicas em Comunicação Alternativa e Ampliada nas Salas de Recursos Multifuncionais (ePUB)

Leila Regina de O. Paula Nunes, Carolina Rizzotto Schirmer (orgs.)

Aborda uma experiência de formação que se caracterizou pela valorização de saberes e práticas pedagógicas de professores que atuam em um espaço que ganha centralidade no processo de inclusão: a Sala de Recursos Multifuncionais.



Hoje acordei pra luta! – intelectuais pela universidade pública (em PDF)

Phellipe Marcel, Iuri Pavan e Mauro Siqueira (orgs.)

Propõe uma contra-argumentação às concepções ideológicas que sugerem a privatização e o autofinanciamento, provocando um questionamento sobre modos de governar que negligenciam o valor do ensino público para privilegiar investimentos imediatistas.



Tratamento Computacional para um Problema Inverso na Difusão do Calor - Série Comenius

Jhoab Pessoa de Negreiros, Augusto Cesar de Castro Barbosa, Carlos A. de Moura

Este livro descreve um problema inverso (PI) associado à modelagem do fenômeno de difusão do calor por meio da equação diferencial parcial parabólica linear e unidimensional clássica,



Sem Vieira Nem Pombal: Índios na Amazônia do século XIX

Márcio Couto Henrique

Investiga a história dos índios da Amazônia do século XIX, período em que, sem o jesuíta Antonio Vieira ou o Marquês de Pombal, figuras às quais se associou a imagem de protetores dos índios, as sociedades indígenas traçaram novas formas de lidar com os projetos que pretendiam catequizá-los e civilizá-los.



Uma Procissão na Geografia Coleção: Geografia Cultura - Nº 21

Zeny Rosendahl

Práticas e manifestações da religião estão profundamente enraizadas no espaço e contribuem para estruturá-lo; o sagrado transforma certos pontos e os torna atraentes, enquanto o poder religioso pode fundamentar condutas em determinadas localidades.



Ação Afirmativa: Conceito, História e Debates

João Feres Júnior, Luiz Augusto Campos, Verônica Toste Daflon e Anna Carolina Venturini

A obra investiga o papel da ação afirmativa na democratização da universidade pública. Apresenta ao leitor um olhar sobre a complexidade dessa política pública, analisando seus aspectos conceituais, jurídicos e morais, assim como as perspectivas históricas, políticas e administrativas.



Rio de Janeiro: Uma Abordagem Dialógica Sobre O Território Fluminense

Angela Penalva, Arícia Fernandes Correia, Glaucio José Marafon, Maria Josefa Gabriel Sant'Anna (Org.)

O Estado do Rio de Janeiro atravessa sua pior crise fiscal, com desdobramentos em outras dimensões, dentre as quais destacamos a insegurança pública. As instituições públicas estaduais estão colocadas em xeque porque várias autoridades respondem por crimes de corrupção.



Favelados e Pobladores nas Ciências Sociais: A Construção Teórica de um Movimento Social

Alexis Cortés

Os pobres urbanos das cidades latino-americanas durante o século passado estiveram no centro dos debates dos intelectuais do continente, gerando um vasto conhecimento teórico que contempla a questão social das metrópoles.



Memórias da Fisioterapia: Aspectos da Evolução Histórica do Fisioterapeuta no Brasil e no Rio de Janeiro

Regina Maria de Figueirôa

Este livro apresenta os primórdios do fisioterapeuta no Brasil, quando este inicialmente é visto sob a ótica de uma atuação reabilitadora e, posteriormente, a sua evolução para uma participação mais ampla, em todas as fases de assistência à saúde.



O Crime do Padre Amaro Coleção Eduerj De Bolso – 02

Eça de Queirós

Publicado originalmente em 1875, é considerado um dos marcos pioneiros do realismo em Portugal. A obra contribuiu para o reconhecimento da qualidade da escrita do português Eça de Queirós e caracterizou-se pela ousadia de um enredo que aprofunda a crítica de costumes.



Reflexões e Práticas na Formação de Educadores

Cesar de David / Janete Wehler Cancelier (orgs.)

Reúne reflexões sobre práticas e experiências de professores do ensino superior e da educação básica relacionadas à formação dos educadores brasileiros. A obra se divide em três partes: formação inicial de professores; formação dos educadores do campo; e formação continuada de professores.



O Programa Mais Médicos nos Estados do Rio De Janeiro e do Espírito Santo: Significados, Resultados e Sustentabilidade

Paulo Roberto Volpato, Márcia Maria Pereira Rendeiro, José Mendes Ribeiro, Marcelo Rasga Moreira (Orgs.)

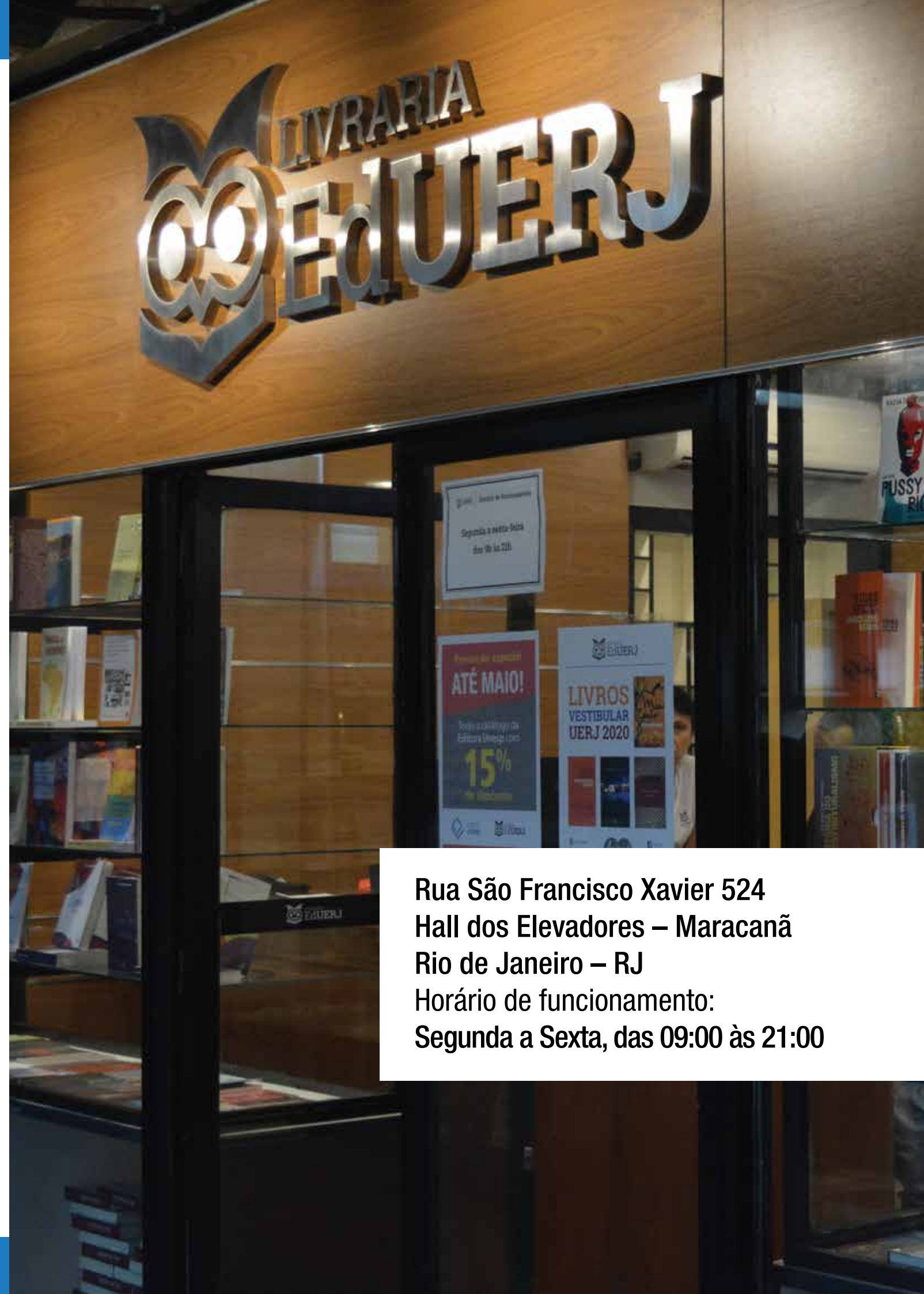
A afirmação constitucional de que a saúde é um direito de todos e dever do Estado, da qual muitos de nós brasileiros nos orgulhamos, deve ultrapassar a retórica e se concretizar na vida dos nossos 200 milhões de compatriotas.

O ALIENISTA Coleção EdUERJ de Bolso – 01

Machado de Assis



Publicado originalmente em 1882, O Alienista é considerado um dos momentos mais emblemáticos da obra de Machado de Assis. Afastando-se da estrutura clássica do conto, a trama se desenrola na Casa Verde, manicômio comandado pelo médico Simão Bacamarte.



Rua São Francisco Xavier 524
Hall dos Elevadores – Maracanã
Rio de Janeiro – RJ
Horário de funcionamento:
Segunda a Sexta, das 09:00 às 21:00



**CONECTANDO PESSOAS,
CONHECIMENTO E
OPORTUNIDADES**

**Conhecimento é a ponte para as oportunidades.
Aproveite os talentos profissionais e a infraestrutura
da Uerj. Traga suas demandas para o Cepuerj!**

Linhas de atuação

**Cursos e treinamentos | Concursos e processos seletivos | Serviços laboratoriais |
Microfilmagem e digitalização de documentos | Consultorias técnicas**

